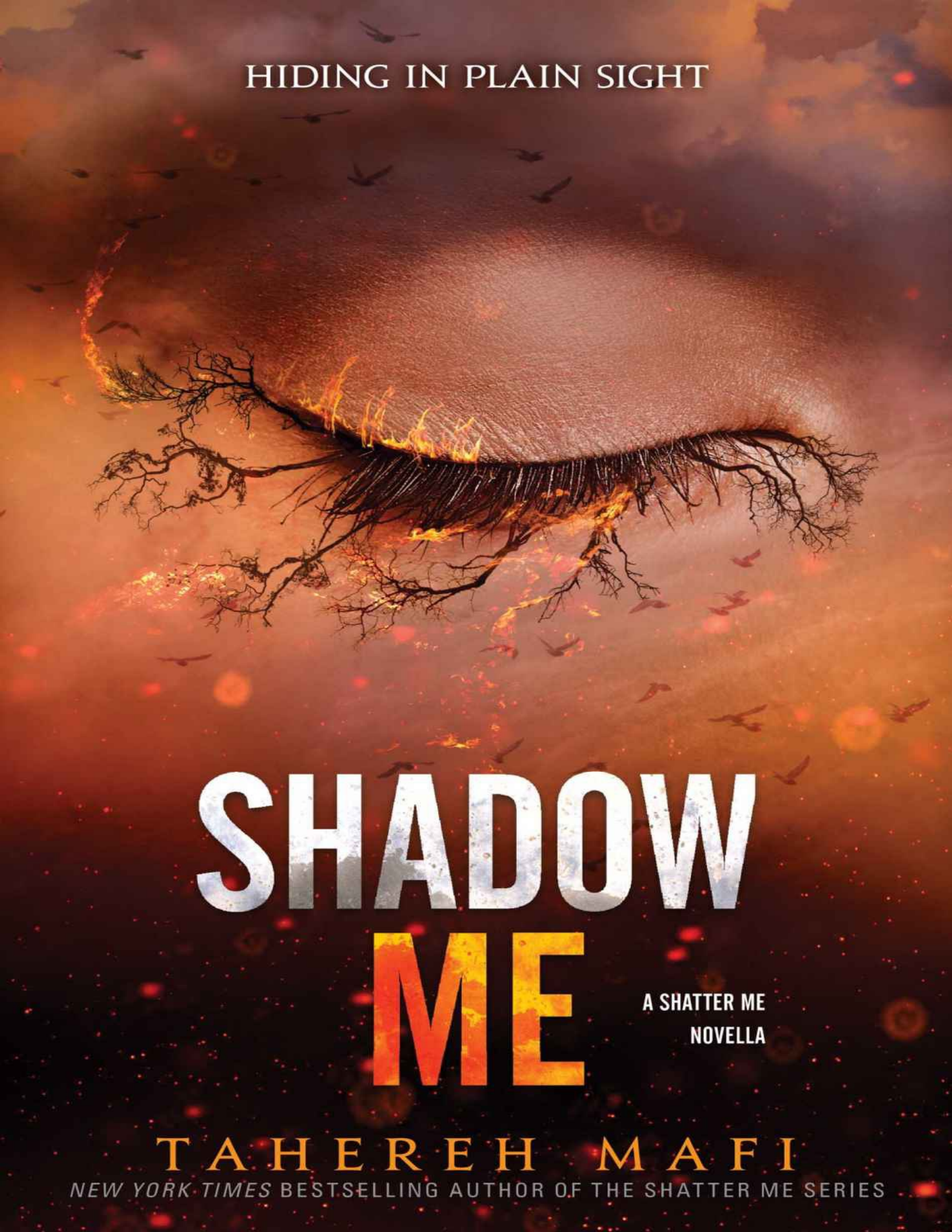


HIDING IN PLAIN SIGHT



SHADOW
ME

A SHATTER ME
NOVELLA

TAHEREH MAFI

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF THE SHATTER ME SERIES

SHADOW ME

TAHEREH MAFI

HARPER

An Imprint of HarperCollinsPublishers

Conteúdo

Capa
Title Page

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito

Sobre a Autora
Livros de Tahereh Mafi
Back Ad
Copyright
Sobre a Editora

Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.

Siga o nosso Twitter: [@whitethornteca](https://twitter.com/whitethornteca)

Um

Eu já estou acordado quando o meu alarme dispara, mas ainda não abri os olhos. Eu estou muito cansado. Meus músculos estão tensos, ainda extremamente doloridos de uma intensa sessão de treinamento dois dias atrás, e meu corpo parece pesado. Morto.

Meu cérebro dói.

O alarme é estridente e persistente. Eu ignoro isso. Eu estico os músculos do meu pescoço e gemo baixinho. O relógio não vai parar de tocar. Alguém bate forte na parede perto da minha cabeça, e ouço a voz abafada de Adam gritando para eu desligar o alarme.

— Todas as manhãs. — ele grita. — Você faz isso todas as manhãs. Juro por Deus, Kenji, um dia desses eu vou entrar aí e destruir essa coisa.

— Tudo bem. — eu murmuro, principalmente para mim mesmo.

— Tudo certo. Acalme-se.

— *Desligue isso.*

Eu tomo uma respiração profunda e irregular. Bato cegamente no relógio até que ele para de tocar. Nós finalmente conseguimos nossos próprios quartos na base, mas eu ainda não consigo encontrar a paz. Ou privacidade. Essas paredes são finas como papel e Adam não mudou nem um pouco. Ainda mal-humorado. Nenhum senso de humor. Geralmente irritado. Às vezes nem lembro porque somos amigos.

Com algum esforço, eu me arrasto para uma posição sentado.

Eu esfrego meus olhos, fazendo uma lista mental de todas as coisas que tenho que fazer hoje, e então, de repente, uma corrida horrível— Eu lembro o que aconteceu ontem.

Jesus.

Tanto drama em um dia que dificilmente posso manter tudo em ordem.

Aparentemente, Juliette tem uma irmã há muito perdida.

Aparentemente Warner torturou a irmã de Juliette. Warner e Juliette se separaram. Juliette correu gritando. Warner teve um ataque de pânico. A ex-namorada da Warner apareceu. Sua ex-namorada deu um *tapa* nele. Juliette ficou bêbada. Não, espere—ficou bêbada e raspou a cabeça. E então eu vi Juliette de calcinha – uma imagem que eu ainda estou tentando apagar da minha mente—e então, como se tudo isso não fosse o suficiente para lidar, depois do jantar da noite passada, eu fiz uma coisa muito, muito estúpida.

Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos e me odeio, lembrando. Uma nova onda de constrangimento me atinge com força e respiro fundo novamente. Forço-me a olhar para cima. Para limpar meus pensamentos.

Nem tudo é horrível.

Eu tenho meu próprio quarto agora—um pequeno quarto— mas meu próprio quarto com uma janela e uma visão de unidades industriais AC. Eu tenho uma mesa. Uma cama. Um armário básico.

Eu ainda tenho que dividir um banheiro com alguns dos outros caras, mas não posso reclamar. Um quarto só para mim é um luxo que não tenho há algum tempo. É bom ter espaço no final da noite para ficar sozinho com meus pensamentos. Em algum lugar para pendurar o rosto feliz que eu me forço a usar mesmo quando estou tendo um dia de merda.

Estou grato.

Estou exausto, sobrecarregado e estressado, mas agradeço.

Eu me forço a dizer isso em voz alta. *Estou grato*. Eu levo alguns momentos para sentir isso. Reconhecer isso. Eu me forço a sorrir, a apertar a tensão no meu rosto que, de outra forma, seria fácil demais para a raiva. Eu sussurro um rápido agradecimento ao desconhecido, ao ar, aos fantasmas solitários, escutando minhas conversas particulares com ninguém. Eu tenho um teto sobre minha cabeça e roupas nas minhas costas e comida esperando por mim todas as manhãs. Eu tenho amigos. Uma família improvisada. Estou sozinho mas não estou solitário. Meu corpo funciona, meu cérebro funciona, eu estou vivo. É uma boa vida. Eu tenho que fazer um esforço consciente para lembrar disso. Escolher ser feliz todos os dias. Se não, acho que minha própria dor me mataria há muito tempo.

Estou grato.

Alguém bate na minha porta—duas batidas fortes—e eu pulo de pé, assustado. A batida é incomumente formal; a maioria de nós nem se incomoda com a cortesia.

Eu puxo um par de calças de moletom e, timidamente, abro a porta.

Warner.

Meus olhos se arregalam quando olho para ele de cima a baixo.

Eu não acho que ele tenha aparecido em meu quarto antes, e eu não posso decidir o que é mais estranho: o fato de ele estar aqui ou o fato dele parecer tão normal. Bem, normal para a Warner. Ele parece exatamente como ele sempre pareceu. Brilhante. Polido.

Estranhamente calmo e inteiro para alguém cuja namorada o largou no dia anterior. Você nunca saberia que ele era o mesmo cara que, no rescaldo, eu encontrei deitado no chão tendo um ataque de pânico.

— Uh, hey. — Eu limpo o sono da minha garganta. — O que está acontecendo?

— Você acabou de acordar? — Ele diz, olhando para mim como se eu fosse um inseto.

— São seis da manhã. Todos nessa ala acordam às seis da manhã. Você não precisa parecer tão desapontado.

Warner espia por mim, entra no meu quarto e, por um momento, não diz nada. Então, calmamente: — Kishimoto, se eu considerasse os padrões medíocres dos outros uma medida suficiente para medir minhas próprias realizações, eu nunca teria feito nada. — Ele olha para cima, encontra meus olhos. — Você deveria exigir mais de si mesmo. Você é totalmente capaz.

— Você está...? — Eu pisquei, atordoado. — Perdão, essa foi sua ideia de um elogio?

Ele olha para mim, o rosto impassível.

— Vista-se.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Você está me levando para o café da manhã?

— Temos mais três convidados inesperados. Eles acabaram de chegar.

— *Oh.* — Eu dou um passo inconsciente de volta. — Ah. Merda.

— Sim.

— Mais filhos dos comandantes supremos?

Warner assente.

— Eles são perigosos? — Eu pergunto.

Warner quase sorri, mas parece infeliz.

— Eles estariam aqui se não fossem?

— Certo. — Eu suspiro. — Bom ponto.

— Encontre-me lá embaixo em cinco minutos, e eu vou te manter informado.

— Cinco minutos? — Meus olhos se arregalam. — Uh-uh, de jeito nenhum. Eu preciso tomar um banho. Eu nem sequer tomei café da manhã...

— Se você tivesse acordado às três, teria tido tempo para tudo isso e muito mais.

— Três da manhã? — Eu fico boquiaberto com ele. — Você está louco?

E quando ele diz, sem uma pitada de ironia— — Não mais do que o habitual.

É claro para mim que esse cara não está bem.

Eu suspiro, forte, e me afasto, me odiando por sempre perceber esse tipo de coisa, e me odiando ainda mais pela minha constante necessidade de acompanhar. Eu não posso evitar. Castle me disse uma vez quando eu era criança: ele me disse que eu era incomumente compassivo. Eu nunca pensei sobre isso assim—com palavras, com uma explicação—até que ele disse para mim. Eu sempre odiei isso em mim mesmo, que eu não poderia ser mais difícil. Odiava ter chorado tanto quando vi um pássaro morto pela primeira vez. Ou que eu costumava levar para casa todos os animais perdidos que encontrei até Castle finalmente me dizer que eu tinha que parar, que não tínhamos os recursos para manter todos eles. Eu tinha doze anos. Ele me fez deixá-los ir, e eu chorei por uma semana.

Eu odiava que eu tinha chorado. Odiava que eu não pudesse evitar.

Todo mundo achava que eu não devo a mínima—que eu não deveria — mas eu faço. Eu sempre faço.

E eu dou a mínima para esse idiota também.

Então eu respiro fundo e digo: — Ei, cara – você está bem?

— Estou bem. — Sua resposta é rápida. Fria.

Eu poderia deixar passar.

Ele está saindo. Eu deveria aceitar. Eu deveria aceitar e fingir que não percebo a tensão em sua mandíbula ou o olhar vermelho cru ao redor dos olhos. Eu tenho meus próprios problemas, meus próprios fardos, minha própria dor e frustração e, além disso, ninguém nunca me pergunta sobre o meu dia. Ninguém nunca me acompanha, ninguém nunca se incomodou em olhar sob a superfície do meu sorriso. Então, por que eu deveria me importar?

Eu não deveria.

Deixe isso para lá, digo a mim mesmo.

Eu abro minha boca para mudar de assunto. Abro a boca para seguir em frente e, em vez disso, ouço-me dizer: — Vamos, cara. Nós dois sabemos que isso é besteira.

Warner olha para o lado. Um músculo salta em sua mandíbula.

— Você teve um dia difícil ontem. — eu digo. — Está tudo bem em ter uma manhã difícil também.

Depois de uma longa pausa, ele diz: — Estou acordado há algum tempo.

Eu solto um suspiro. Não é nada que eu não esperava.

— Eu sinto muito. — eu digo. — Eu entendi.

Ele olha para cima. Encontra meus olhos.

— Você entende?

— Sim. Eu entendo.

— Eu não acho que você entenda, na verdade. Na verdade, espero que não. Eu não quero que você saiba como me sinto agora.

Eu não desejaria isso para você.

Isso me atinge mais do que eu esperava. Por um momento eu não sei o que dizer.

Eu decido encarar o chão.

— Você já a viu? — Eu pergunto.

E então, tão baixinho que quase não escuto— — Não.

Merda. Esse garoto está partindo meu coração.

— Não tenha pena de mim. — diz ele, seus olhos brilhando quando encontram os meus.

— O que? Eu não – eu não estou...

— Vista-se. — diz Warner bruscamente. — Eu vou te ver lá embaixo.

Eu pisco, assustado.

— Certo. — eu digo. — Legal. OK.

E então ele se foi.

Dois

Eu fico na porta por um minuto, passando minhas mãos pelo meu cabelo e tentando me convencer a me mover. Eu desenvolvi uma dor de cabeça súbita. De alguma forma, eu me tornei um ímã para a dor. Dor de outras pessoas. Minha própria dor. O problema é que não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo. Eu faço as perguntas que me levam até aqui. Eu me importo demais. Eu faço o meu negócio quando eu não deveria, e eu só pareço ficar na merda por isso.

Eu sacudo minha cabeça e então— *estremeço*.

A única coisa que Warner e eu parecemos ter em comum é que nós dois gostamos de desabafar na academia. Eu empurrei muito peso no outro dia e não me alonguei depois—e agora estou pagando por isso. Eu mal posso levantar meus braços.

Eu respiro fundo, arqueio as costas. Alongo meu pescoço. Tento consertar os nós no meu ombro.

Eu ouço alguém assobiar pelo corredor e olho para cima. Lily pisca para mim de uma maneira óbvia e exagerada, e eu reviro os olhos. Eu realmente gostaria de ser lisonjeado, porque eu não sou modesto o suficiente para negar que eu tenho um corpo legal, mas a Lily não poderia dar menos importância por mim. Em vez disso, ela faz isso— zomba de mim por andar sem camisa—quase todas as manhãs. Ela e Ian. Juntos. Os dois estão namorando há alguns meses.

— Olhando bem, cara. — Ian sorri. — Isso é suor ou óleo de bebê? Você é tão brilhante.

Eu lhe mostro o dedo.

— Essa boxer roxa está realmente trabalhando para você. — diz Lily. — Boa escolha. Ela se adequa ao seu tom de pele.

Eu me viro para ela com um olhar incrédulo. Eu posso não estar vestindo

uma camisa, mas estou definitivamente— eu olho para baixo —vestindo calças de moletom. Minha cueca não está à vista. — Como você *podia* saber a cor da minha boxer?

— Memória fotográfica. — diz ela, batendo na têmpora.

— Lil, isso não significa que você tem visão de raios-X.

— Você está usando cueca roxa? — A voz de Winston—e um cheiro distinto de café—continua pelo corredor. — Isso é inspirador.

— Tudo bem, foda-se, todos vocês.

— Ei— Whoa— Achei que você não estava autorizado a usar linguagem chula. — Winston aparece, suas botas pesadas no chão de concreto. Ele está lutando contra uma risada quando ele diz: — Eu pensei que você e Castle tinham um acordo.

— Isso não é verdade. — eu digo, apontando para ele. — Castle e eu concordamos que eu poderia dizer *merda* tanto quanto eu quisesse.

Winston levanta as sobrancelhas.

— De qualquer forma. — murmuro. — Castle não está aqui agora, não é? Então, mantenho minha declaração original. Foda-se, todos vocês.

Winston ri, Ian balança a cabeça e Lily finge estar ofendida quando— — Eu definitivamente *estou* aqui agora, e ouvi isso. — Castle declara de seu escritório.

Eu me encolho.

Eu costumava xingar profusamente na adolescência—muito pior do que agora—e isso realmente incomodava Castle. Ele disse que estava preocupado que eu nunca encontrasse uma maneira de articular minhas emoções sem raiva. Ele queria que eu me acalmasse quando eu falasse, para usar palavras específicas para descrever como eu estava me sentindo, em vez de gritar obscenidades. Ele parecia tão preocupado com isso que eu concordei em diminuir meu vocabulário. Mas fiz essa promessa há quatro anos e, por mais que eu ame Castle, muitas vezes me arrependo.

— Kenji? — Castle fala novamente. Eu sei que ele está esperando por um pedido de desculpas.

Eu espio pelo corredor e vejo sua porta aberta. Estamos todos apertados uns contra os outros, mesmo com as novas acomodações.

Warner basicamente teve que reinventar este andar, e precisou de muito trabalho e sacrifício, então, novamente, eu não estou reclamando.

Mas ainda assim É difícil não ficar incomodado com a enorme falta de privacidade.

— Foi mal. — eu grito de volta.

Eu posso realmente ouvir Castle suspirar, mesmo do outro lado do corredor.

— Uma exibição comovente de remorso. — diz Winston.

— Tudo bem, o show acabou. — Eu aceno a todos eles. — Eu tenho que tomar banho.

— Sim, você tem. — diz Ian, levantando uma sobrancelha.

Eu balancei minha cabeça, exausto.

— Eu não posso acreditar que eu aturo vocês idiotas.

Ian ri.

— Você sabe que eu estou brincando com você, certo? — Quando eu não respondo, ele diz: — Sério—você parece bem.

Devemos ir a academia mais tarde. Eu preciso de alguém para me identificar.

Concordo com a cabeça, apenas um pouco apaziguado, e murmuro um adeus. Eu volto para o meu quarto para pegar minha toalha, mas Winston me segue, se inclina contra o batente da porta. É

só então que eu noto que ele está segurando um copo de papel para viagem.

Meus olhos se iluminam.

— Isso é café?

Winston se afasta da porta, horrorizado.

— É o *meu* café.

— Entregue-o.

— O que? Não.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Por que você não consegue o seu próprio?. — Ele diz, empurrando os óculos na ponta do nariz. — Esta é apenas a minha segunda caneca. Você sabe que leva pelo menos três antes que eu esteja meio acordado.

— Sim, bem, eu tenho que descer em cinco minutos ou Warner vai me matar e eu ainda não tomei café da manhã e já estou exausto e eu realmente — — Tudo bem. — O rosto de Winston escurece quando ele entrega. — Seu monstro.

Eu tomo o copo.

— Eu sou uma maldita *alegria*.

Winston resmunga algo em voz baixa.

— Ei — tomo um gole do café. — A propósito – você, uh?

O pescoço de Winston fica de repente vermelho. Ele desvia os olhos.

— Não.

Eu levanto minha mão livre.

— Ei— sem pressão ou qualquer coisa. Eu estava apenas me perguntando.

— Ainda estou esperando o momento certo. — diz ele.

— Legal. Claro. Estou muito contente por você, isso é tudo.

Winston olha para cima. Me lança um sorriso incerto.

Winston está apaixonado por Brendan há muito tempo, mas sou o único que sabe disso. Winston nunca pensou que Brendan estaria interessado, porque, até onde sabemos, ele só namorava mulheres, mas há alguns meses atrás Brendan estava a fim, brevemente, desse outro cara do Ponto, e foi aí que Winston se abriu para mim sobre a coisa toda. Ele me pediu para guardar segredo, disse que queria ser o único a falar sobre isso quando parecesse certo, e ele está tentando criar coragem para dizer algo a Brendan desde então.

O problema é que Winston acha que ele é um pouco velho para Brendan, e teme que, se Brendan recusar, possa arruinar sua amizade. Então ele está esperando. Pelo momento certo.

Eu bato no ombro dele.

— Estou feliz por você, cara.

Winston solta uma risada ofegante e nervosa que é diferente dele.

— Não fique feliz demais ainda. — diz ele. E então ele balança a cabeça como se quisesse limpá-la. — De qualquer forma— aproveite o café. Eu preciso pegar outro.

Eu levanto o copo de café em um gesto que diz tanto *obrigado* quanto *adeus*, e quando me viro para pegar minhas coisas para um banho rápido, meu sorriso escorrega. De alguma forma eu não posso evitar ser lembrado, o tempo todo, da minha própria solidão.

Eu termino o café em alguns goles rápidos e profundos e jogo o copo fora. Silenciosamente, eu faço o meu caminho para o chuveiro, meus movimentos mecânicos quando ligo a água. Tirar a roupa. Me ensaboar. Enxaguar. Tanto faz.

Estou congelado por um momento, observando a piscina de água nas minhas mãos viradas para cima. Eu suspiro, pressionando minha testa na telha fria e lisa enquanto a água quente me cobre as costas. Sinto uma certa medida de alívio quando meus músculos começam a relaxar, o calor e o vapor

liberando nós de tensão sob minha pele. Eu tento me concentrar no luxo desse banho, na minha gratidão por esse milagre de água quente, mas meus pensamentos menos graciosos continuam circulando, bicando meu coração e minha mente como abutres emocionais.

Estou muito feliz pelos meus amigos. Eu os amo, mesmo quando eles me irritam. Eu me importo com eles. Eu quero a alegria deles. Mas ainda dói um pouco quando parece que, em todos os lugares que eu olho, todo mundo parece ter alguém.

Todos menos eu.

É louco o quanto eu gostaria de não me importar. Eu queria tanto, o tempo todo, não dar a mínima para esse tipo de coisa— que eu poderia ser como Warner, uma ilha congelada e implacável; ou até mesmo como Adam, que encontrou sua felicidade na família, em seu relacionamento com seu irmão—mas eu não sou como nenhum dos dois. Em vez disso, sou um coração grande, cru e sangrando, e passo meus dias fingindo não perceber que quero mais. Que eu preciso de mais.

Talvez pareça estranho dizer, mas sei que poderia amar as partes ruins de alguém. Eu sinto isso no meu coração. Essa capacidade de amar. Ser romântico e apaixonado. Como se fosse uma superpotência que eu tenho. Um presente mesmo.

E não tenho ninguém com quem compartilhar.

Todo mundo acha que eu sou uma piada.

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto, fechando meus olhos enquanto lembro da minha interação com Nazeera na noite passada.

Ela veio até *mim*, eu tento me lembrar.

Eu nunca me aproximei dela. Eu nem tentei falar com ela novamente, não depois daquele dia na praia, quando ela deixou claro que ela não estava nem um pouco interessada em mim. Embora não seja como se eu tivesse tido a chance de falar com ela depois disso, de qualquer maneira; tudo ficou louco depois disso. J levou um tiro e todo mundo estava se recuperando, e então toda essa merda com Warner e Juliette aconteceu, e agora aqui estamos nós.

Mas ontem à noite eu estava apenas cuidando da minha própria vida, ainda tentando descobrir o que fazer com o fato de que nossa comandante suprema estava lentamente marinando em meio litro do melhor uísque de Anderson, quando Nazeera se aproximou de mim.

Apareceu do nada. Foi logo depois do jantar—inferno, ela nem estava presente no jantar—e ela só apareceu, como uma aparição, me encurralando

quando eu estava saindo da sala de jantar. Literalmente me apoiou em um canto e me perguntou se era verdade, que eu tinha o poder da invisibilidade.

Ela parecia tão brava. Eu estava tão confuso. Eu não sabia como ela sabia e eu não sabia por que ela se importava, mas lá estava ela, bem na minha frente, exigindo uma resposta, e eu não via o mal em dizer a ela a verdade.

Então eu disse sim, era verdade. E ela pareceu subitamente mais irritada.

— Por quê? — Eu disse.

— Por quê o que? — Seus olhos brilharam, grandes e largos e elétricos com sentimento. Ela estava usando um capuz de couro, e as luzes de um candelabro nas proximidades refletiam o piercing de diamante perto de seu lábio inferior. Eu não conseguia parar de olhar para a boca dela. Seus lábios estavam ligeiramente separados.

Cheios. Suaves.

Eu me forcei a olhar para cima.

— O que?

Ela estreitou os olhos.

— Do que você está falando?

— Eu pensei— me desculpe, o que estamos falando?

Ela se virou, mas não antes de eu ver o olhar de descrença em seu rosto. Pode ter havido indignação também. E então, rapidamente, ela se virou de novo.

— Você está apenas fingindo ser burro o tempo todo? Ou você sempre fala como se estivesse bêbado?

Eu congelo. Dor e confusão rodaram na minha cabeça. Dor do insulto e confusão de— Sim, eu não tinha ideia do que estava acontecendo.

— O quê? — Eu disse novamente. — Eu não falo como se estivesse bêbado.

— Você está olhando para mim como se estivesse bêbado.

Merda, ela era bonita.

— Eu não estou bêbado. — eu disse. Estupidamente. E então eu balancei minha cabeça e lembrei de ficar com raiva—ela acabou de me insultar, afinal de contas—e eu disse: — De qualquer forma, você é quem veio a mim, lembra? Você começou essa conversa. E

eu não sei porque você está tão brava— Inferno, eu nem sei porque você se importa. Não é minha culpa que eu possa ser invisível.

Aconteceu comigo.

E então ela empurrou seu capuz para trás de seu rosto e seu cabelo

sacudiu, escuro e sedoso e pesado, e ela disse algo que eu não ouvi porque meu cérebro estava pirando, tipo, deveria dizer a ela que eu posso ver o cabelo dela? Ela sabe que eu posso ver o cabelo dela? Ela quis que eu visse o cabelo dela? Ela iria surtar, agora mesmo, se eu dissesse a ela que eu podia ver o cabelo dela? Mas também, para o caso de eu não estar vendo o cabelo dela agora, não queria dizer a ela que podia ver o cabelo dela, porque tinha medo de que ela o cobrisse de novo e, se estava sendo honesto, estava gostando muito da vista.

Ela estalou os dedos no meu rosto.

Eu pisquei.

— O quê? — E então, percebendo que eu tinha usado demais essa palavra hoje à noite, eu adicionei um — Hmm?

— Você não está me ouvindo.

— Eu posso ver o seu cabelo. — eu disse, e apontei.

Ela respirou profundamente, irritada. Ela parecia impaciente.

— Eu nem sempre cubro meu cabelo, você sabe.

Eu balancei a cabeça.

— Não. — eu disse baixinho. — Eu não sabia disso.

— Eu não poderia, mesmo que quisesse. É ilegal, lembra?

Eu fiz uma careta.

— Então por que você está cobrindo o cabelo? E por que você me deu um tempo difícil sobre isso?

Ela tirou o capuz de seus ombros e cruzou os braços. Seu cabelo era comprido. Sombrio. Seus olhos eram profundos. Eles eram uma luz, cor de mel, brilhante contra sua pele marrom. Ela era tão bonita que estava me assustando.

— Eu conheço muitas mulheres que perderam o direito de se vestir assim por causa do Restabelecimento. Havia uma enorme população muçulmana na Ásia, você sabia disso?

Ela não espera que eu responda.

— Eu tive que assistir, em silêncio, como meu próprio pai enviou os decretos para ter as mulheres despidas. Soldados desfilavam pelas ruas e rasgavam as roupas de seus corpos. Rasgavam os lenços de suas cabeças e publicamente as envergonharam. Foi violento e desumano e fui obrigada a testemunhar. Eu tinha onze anos. — ela sussurrou. — Eu odiei isso. Eu odiava meu pai por fazer isso. Por me fazer assistir. Então eu tento honrar essas mulheres quando posso. Para mim, é um símbolo de resistência.

— Uh.

Nazeera suspirou. Ela parecia frustrada, mas então—ela riu.

Não foi uma risada engraçada, foi mais como um som de descrença, mas eu pensei nisso como progresso.

— Acabei de lhe dizer algo realmente importante para mim. — ela disse. — e tudo o que você pode dizer é *uh*?

Eu pensei sobre isso. E então, cuidadosamente: — Não?

E de alguma forma, por alguma razão incognoscível, ela sorriu.

Ela revirou os olhos quando fez isso, mas seu rosto se iluminou e ela parecia de repente mais jovem—mais doce—e eu não conseguia parar de encará-la. Eu não sabia o que tinha feito para ganhar esse olhar no rosto dela. Eu provavelmente não fiz nada para ganhar. Ela provavelmente estava rindo de mim.

Eu não me importei.

— Eu, uh, acho isso muito legal. — eu disse, lembrando de dizer alguma coisa. Para reconhecer a importância do que ela compartilhou comigo.

— Você acha *o que* legal? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Você sabe. — Eu balancei a cabeça na direção de sua cabeça. — Sua — coisa toda. Essa história. Você sabe.

É quando ela riu de verdade. Alto. Ela mordeu o lábio para cortar o som e ela balançou a cabeça enquanto dizia suavemente: — Você não está brincando comigo, não é? Você é muito ruim nisso.

Eu pisquei para ela. Eu não acho que entendi a pergunta.

— Você é terrível em falar comigo. — disse ela. — Eu te deixo nervoso.

Eu empalideci.

— Eu não— quero dizer, eu não diria que v— — Eu acho que talvez eu tenha sido um pouco dura com você. — disse ela, e suspirou. Ela desviou o olhar. Mordeu o lábio novamente. — Eu pensei—na primeira noite em que te conheci—achei que você estava tentando ser um idiota. Sabe? — Ela encontrou meus olhos. — Tipo, eu pensei que você estivesse jogando jogos mentais comigo. Ser quente e frio de propósito. Me insultando em um minuto, me convidando para sair no dia seguinte.

— O quê? — Meus olhos se arregalaram. — Eu nunca faria isso.

— Sim. — ela disse suavemente. — Eu acho que estou percebendo isso. A maioria dos caras que eu conheço tem sido manipuladores, condescendentes, idiotas—meu irmão incluído— então acho que não esperava que você fosse assim... honesto.

— Oh. — Eu fiz uma careta. Eu não tinha certeza se ela queria dizer isso para ser um elogio. — Obrigado?

Ela riu novamente.

— Acho que devemos começar de novo. — disse ela, e estendeu a mão como se quisesse apertar a minha. — Eu sou Nazeera. Prazer em conhecê-lo.

Timidamente, peguei a mão dela. Prendi minha respiração. Sua pele era lisa, macia contra a palma da mão calejada.

— Oi. — eu disse. — Eu sou Kenji.

Ela sorriu. Foi um sorriso feliz e genuíno. Eu tinha a sensação de que aquele sorriso ia me matar. Na verdade, eu tinha certeza de que toda essa situação ia me matar.

— Esse é um ótimo nome. — ela disse, soltando minha mão. — Você é japonês, certo?

Eu confirmei.

— Você fala?

Eu balancei a cabeça.

— Sim. É difícil. Lindo, mas difícil. Estudei japonês por alguns anos. — explicou ela. — Mas é uma língua difícil de dominar. Eu ainda tenho apenas uma compreensão rudimentar disso. Eu realmente vivi no Japão—bem, o que costumava ser o Japão—por um mês. Eu fiz uma turnê bastante extensa do re-mapeado continente asiático, na verdade.

E então eu acho que ela me fez outra pergunta, mas eu fiquei subitamente surdo. Eu perdi minha cabeça. Ela estava falando comigo sobre o país em que meus pais nasceram—um lugar que realmente significa algo para mim—e eu nem conseguia me concentrar. Ela tocava muito a boca dela. Passava o dedo ao longo da borda do lábio inferior muitas vezes. Ela tinha o hábito de bater, frequentemente, nos piercings de diamantes lá, e eu não tenho certeza se ela estava ciente de que estava fazendo isso. Mas era quase como se ela estivesse me dizendo—me dirigindo—para olhar para a boca dela. Eu não pude evitar. Eu estava pensando em beijá-la. Eu estava pensando em muitas coisas. Fixando-a na parede.

Despindo-a lentamente. Correndo minhas mãos pelo seu corpo nu.

E então, de repente— Tomando um banho frio.

De repente, o sorriso dela desapareceu. Sua voz era suave, um pouco preocupada quando ela disse: — Ei, você está bem?

Não estou bem.

Ela estava muito perto. Ela estava muito perto e meu corpo estava

definitivamente exagerando e eu não sabia como me refrescar. Desligar.

— Kenji?

E então ela tocou meu braço. Ela tocou meu braço e então pareceu surpresa que tivesse feito isso, apenas olhou para a mão no meu bíceps e me obriguei a ficar parado, me obrigando a não mover um músculo quando as pontas dos dedos roçaram minha pele e uma onda de prazer inundou meu corpo tão rápido que me senti subitamente bêbado.

Ela soltou a mão e desviou o olhar. Olhou de volta para mim.

Ela parecia confusa.

— Merda. — eu disse suavemente. — Acho que posso estar apaixonado por você.

E então, com um choque sísmico de terror, o sentido bateu na minha cabeça. Eu me endireitei na minha própria pele. Eu pensei que poderia morrer. Eu pensei que poderia *morrer* de vergonha. Eu queria. Eu queria me fundir na terra. Evaporar. Desaparecer.

Jesus, eu quase fiz.

Eu não pude acreditar que eu disse as palavras em voz alta. Eu não podia acreditar que tinha sido traído pela minha maldita boca assim.

Nazeera olhou para mim, atordoada e ainda processando, e de alguma forma—através de nada menos que um milagre—consegui me recuperar.

Eu ri.

Ri. E então eu disse, com perfeita indiferença: — Estou brincando, obviamente. Eu acho que estou exausto. De qualquer forma, boa noite.

Consegui andar, não correr, voltar para o meu quarto e conseguir manter o que restava da minha dignidade. Eu espero.

Então, novamente, quem diabos sabe.

Eu vou ter que vê-la novamente, provavelmente muito em breve, e tenho certeza que ela vai me deixar saber se eu deveria fazer planos para voar diretamente para o sol.

Merda.

Eu desligo a água e fico parado, ainda ensopado. E então, porque eu me odeio, respiro fundo e abro a água fria por dez segundos dolorosos.

Isso faz o truque. Limpa minha cabeça. Refrigera meu coração.

Eu tropeço saindo do chuveiro.

Eu me arrasto pelo corredor, forçando minhas pernas a mexer, mas ainda estou me movendo como se estivesse ferido. Eu olho para o relógio na parede

e xingo sob da minha respiração. Estou atrasado.

Warner vai me matar. Eu realmente preciso passar uma hora me alongando—meus músculos ainda estão muito tensos, mesmo depois de um banho quente—mas não tenho tempo. E então, com uma careta, percebo que Warner estava certo. Um par de horas extras para mim esta manhã teria me feito muito bem.

Eu suspiro pesadamente e me movo em direção ao meu quarto.

Eu estou vestindo minha calça de moletom, mas eu tenho apenas uma toalha enrolada no meu pescoço porque estou com muita dor para puxar uma camisa sobre a minha cabeça. Acho que posso roubar um dos casacos de Winston—algo que posso usar com mais facilidade do que um dos meus suéteres—quando ouço a voz de alguém. Eu olho para trás, distraído, e nesses dois segundos eu perco a visão de onde estou indo e bato em alguém.

Alguém.

Palavras voam da minha cabeça. Bem desse jeito.

Se foi.

Eu sou um idiota.

— Você está *molhado*. — diz Nazeera, franzindo o nariz enquanto pula para trás. — Por que você— E então eu a observo, observo quando ela olha para baixo. Olha para cima. Varre meu corpo lentamente. Eu a vejo desviar o olhar e limpar a garganta, e de repente ela não consegue encontrar meus olhos.

A esperança floresce no meu peito. Desbloqueia minha língua.

— Ei. — eu digo.

— Ei. — Ela acena com a cabeça. Cruza os braços. — Bom dia.

— Você precisa de algo?

— Eu? Não.

Eu luto contra um sorriso. É estranho vê-la nervosa.

— Então o que você está fazendo aqui?

Ela está olhando para algo atrás de mim.

— Você, hum, você sempre anda por aí sem camisa?

Eu levanto minhas sobancelhas.

— Aqui em cima? Sim. Quase o tempo todo.

Ela acena novamente.

— Eu vou lembrar disso. — Quando eu não digo nada, ela finalmente encontra meus olhos. — Eu estava procurando por Castle.

— ela diz baixinho.

— O escritório dele está lá embaixo. — eu gesticulei com a cabeça. — mas ele provavelmente já desceu as escadas agora.

— Oh. — ela diz. — Obrigada.

Ela ainda está olhando para mim. Ela ainda está olhando para mim e está fazendo meu peito se contrair. Eu dou um passo para frente quase sem perceber. Imaginando, apenas pensando. Eu não sei o que ela está pensando. Não sei se consegui estragar tudo ontem à noite. Mas por algum motivo, agora— Ela está olhando para minha boca.

Seus olhos se movem para cima, encontram os meus e então ela está olhando para minha boca novamente. Eu me pergunto se ela sabe que está fazendo isso. Eu me pergunto se ela tem alguma ideia do que está fazendo comigo. Meus pulmões parecem pequenos demais. Meu coração está rápido e absurdamente pesado.

Quando Nazeera encontra meus olhos novamente, ela respira repentina e afiadamente. Estamos tão perto que posso sentir sua exalação contra o meu peito nu e estou sobrecarregado por uma necessidade desorientadora de beijá-la. Eu quero puxá-la em meus braços e beijá-la, e por um momento eu realmente acho que ela pode me deixar fazer isso. Apenas o pensamento envia uma emoção à minha espinha, um sentimento vertiginoso que inspira minha mente a pular muito, rápido demais. Posso imaginar com uma clareza terrível —a fantasia de tê-la em meus braços, os olhos escuros e pesados de desejo. Eu posso imaginá-la debaixo de mim, seus dedos cavando em minhas omoplatas enquanto ela grita— *Jesus Cristo*.

Eu me forço a me afastar. Eu quase me bato na cara.

Eu não sou esse cara. Eu não sou um garoto de quinze anos que não consegue manter as calças. Eu não sou.

— Eu, uh, eu tenho que me vestir. — eu digo, e até eu posso ouvir a instabilidade na minha voz. — Eu vou te ver lá embaixo.

Mas então a mão de Nazeera está no meu braço novamente, e meu corpo enrijece, como se eu estivesse tentando conter algo além de mim mesmo. É selvagem. Desejo como se eu nunca conheci antes. Eu tento me lembrar que isso é tudo, é como o que J disse— eu nem conheço essa garota. Eu estou apenas passando por algo.

Eu não sei o quê, ou porquê, mas eu estou apenas, claramente apaixonado. Eu nem sequer a conheço.

Isso não é real.

— Ei. — diz ela.

Eu fico quieto.

— Sim? — Eu mal estou respirando. Eu tenho que me forçar a voltar uma polegada, encontrar seus olhos.

— Eu queria te contar uma coisa. Noite passada. Mas eu não tive a chance.

— Oh. — Eu franzo a testa. — Ok. — Há algo em sua voz que soa quase como medo—e limpa minha cabeça em um instante. — Conte-me.

— Não aqui. — diz ela. — Agora não.

E estou de repente preocupado.

— Algo está errado? Você está bem?

— Oh —não— quero dizer, sim— estou bem. É só... — Ela hesita. Me oferece um meio sorriso e um encolher de ombros. — Eu só queria te contar uma coisa. Não é nada importante. — Ela olha para longe, morde o lábio. Ela morde muito o lábio inferior, percebo.

— Bem, é importante para mim, eu acho.

— Nazeera. — eu digo, apreciando o som do nome dela na minha boca.

Ela olha para cima.

— Você está me assustando um pouco. Tem certeza de que não pode me dizer agora?

Ela acena com a cabeça. Me lança um sorriso apertado.

— Não há necessidade de surtar, eu prometo. Realmente não é grande coisa. Talvez possamos conversar mais tarde hoje à noite?

Meu coração se contrai novamente.

— Certo.

Ela acena mais uma vez. Nos despedimos.

Mas quando olho para trás, nem um segundo depois de começar a andar, ela já se foi.

Desapareceu.

Três

Warner está definitivamente irritado.

Estou muito atrasado e Warner está esperando por mim, empoleirado com cuidado em uma cadeira rígida em uma sala de conferências no andar de baixo, olhando para uma parede.

Eu consegui pegar um muffin no meu caminho, e eu limpei rapidamente o meu rosto, esperando que eu não tivesse deixado evidências em volta da minha boca. Eu não sei como Warner se sente sobre muffins, mas estou supondo que ele não é um fã.

— Ei. — eu digo, e pareço sem fôlego. — O que eu perdi?

— Isso é minha culpa. — diz ele, acenando com a mão ao redor da sala. Ele nem sequer olha para mim.

— Quero dizer, eu já *sei* que é sua culpa. — digo rapidamente.

— Mas, tipo, só para ficar claro—sobre o que estamos falando?

— Isso. — diz ele. Finalmente, ele olha para mim. — Essa situação.

Eu espero.

— É minha culpa. — ele diz, parando dramaticamente. — Por pensar que eu poderia depender de você.

Eu faço um esforço para não revirar os olhos.

— Tudo bem, tudo bem, acalme-se. Eu estou aqui agora.

— Você está trinta minutos atrasado.

— Cara.

Warner parece de repente cansado.

— Os filhos dos comandantes supremos da África e da América do Sul estão aqui. Eles estão esperando na sala adjacente.

— Sim? — Eu levanto uma sobrancelha. — Então, qual é o negócio? O que você precisa de mim?

— Eu preciso que você esteja presente. — diz ele bruscamente.

— Não tenho certeza se sei exatamente por que eles estão aqui, mas todo pensamento racional aponta para uma guerra iminente. É minha suspeita que eles estejam aqui para nos espionar e mandar mensagens de volta para os pais deles. Eles enviaram seus filhos para afetarem um clima de camaradagem. Um sentimento de nostalgia. Talvez eles achem que podem apelar para o nossa nova e jovem comandante com outros rostos jovens. De qualquer forma, acho que é importante mostrarmos uma frente forte e unida.

— Então, sem J, hein?

Warner olha para cima. Ele parece atordoado, e por um segundo vejo algo como dor em seus olhos. Eu pisco e ele é uma estátua novamente.

— Não. — diz ele. — Eu ainda não a vi. E é mais importante do que nunca que eles não saibam disso. — Ele respira fundo. — Onde está o Castle? Ele precisa estar aqui também.

Eu dou de ombros. — Eu pensei que ele já estivesse aqui embaixo.

— Eu o vi há pouco. Eu vou buscá-lo.

Eu caio em uma cadeira.

— Legal.

Warner caminha até a porta e depois hesita. Lentamente, ele se vira para mim.

— Você está tendo problemas novamente.

Eu olho para cima, surpreso.

— O que?

— Apaixonado. Você está tendo problemas em sua vida amorosa. É por isso que você se atrasou?

Eu sinto o sangue escorrer do meu rosto.

— Como diabos você saberia algo assim?

— Você está fedendo a isso. — Ele acena para mim, meu corpo.

— Você está praticamente emanando uma agonia de amor.

Eu olho para ele, atordoado. Eu nem sei se vale a pena negar.

— É Nazeera, não é? — Diz Warner. Seus olhos são claros, livres de julgamento.

Eu me forço a acenar.

— Ela devolve sua afeição?

Atiro-lhe um olhar beligerante.

— Como diabos eu deveria saber?

Warner sorri. É a primeira emoção real que ele mostrou toda a manhã.

— Eu suspeito que ela possa eviscerar você. — diz ele. — Mas eu admito

que pensei que ela usaria uma faca.

Eu forço uma falta de humor: — Ha — Tenha cuidado, Kishimoto. Acho necessário lembrar que ela foi criada para ser letal.

Eu não a provocaria.

— Ótimo. — murmuro, deixando cair a cabeça nas mãos. — Eu me sinto tão bem com isso. Obrigado pela conversa estimulante.

— Você também deve saber que há algo que ela está escondendo.

Minha cabeça se levanta.

— O que você quer dizer?

— Eu não sei exatamente. Eu só sei que ela está escondendo alguma coisa. Eu ainda não sei o que é. Mas eu aconselho que você aja com cautela.

Eu me sinto subitamente doente, minha testa comprimida de pânico. Eu me pergunto sobre sua mensagem enigmática antes. O

que ela queria dizer para mim na noite passada? O que ela ainda poderia dizer para mim— hoje à noite.

E então eu percebo— — Espere um segundo. — Eu franzo a testa. — Você acabou de me dar conselhos sobre namoro?

Warner inclina a cabeça. Um lampejo de sorriso novamente.

— Estou apenas devolvendo o favor.

Eu rio surpreso.

— Obrigado, cara. Eu aprecio isso.

Ele concorda.

E então, com um pivô elegante, ele abre a porta e a fecha atrás de si. O cara se move como um príncipe. Ele está sempre vestido como um príncipe. Botas brilhantes e roupas justas e merda.

Eu suspiro irracionalmente irritado.

Eu estou com ciúmes? Porra, talvez eu esteja com ciúmes.

Warner sempre parece tão inteiro. Ele é sempre frio e legal.

Sempre tem uma linha, um retorno. Uma cabeça clara. Aposto que ele nunca lutou como eu lutei por uma garota. Nunca teve que trabalhar tão duro

—

Uau.

Eu sou um idiota.

Eu não sei como consegui esquecer que a namorada dele literalmente acabou de terminar com ele. *Eu estava lá.* Eu vi a queda.

O cara teve um ataque de pânico por todo o chão. Ele estava *chorando*.

Eu suspiro, forte, e corro as duas mãos pelo meu cabelo.

Eu sei que isso deve me fazer sentir melhor, mas só me faz sentir pior ao perceber que Warner é tão propenso a falhas de relacionamento quanto eu. Isso me faz pensar que eu não tenho chance com Nazeera.

Uh, eu odeio tudo.

Espero alguns minutos para Warner e Castle voltarem e, enquanto espero, puxo outro muffin do meu bolso. Eu me alimento estressado, arranco pedaços enormes e cegamente os empurro na boca.

Quando Castle entra pela porta, eu estou quase engasgando com migalhas de muffin, mas eu dou um rápido olá. Castle franze a testa, claramente desaprovando meu estado geral, e eu finjo não notar. Eu aceno e tento engolir o último muffin. Meus olhos estão rasgando um pouco.

Warner entra e fecha a porta atrás deles.

— Por que você insiste em comer como um animal? — Ele diz para mim.

Eu franzo a testa, começo a falar, e ele me corta com uma mão.

— Não se *atreva* a falar comigo com a boca cheia.

Eu engulo muito rápido e quase engasgo, mas eu forço o resto do muffin para baixo. Eu limpo minha garganta antes de dizer: — Sabe de uma coisa? Estou cansado dessa merda. Você sempre tira sarro do jeito que eu como e não é justo.

Warner tenta falar e eu o interrompo.

— Não. — eu digo. — Eu não como um animal. Eu simplesmente estou *com fome*. E talvez você deva passar alguns anos morrendo de fome antes de pensar em tirar sarro do jeito que eu como, certo babaca?

É surpreendente como isso acontece rapidamente, mas algo muda no rosto de Warner. Não o aperto na mandíbula ou o sulco na testa. Mas por um momento, a luz sai de seus olhos.

Ele gira quase exatamente quarenta e cinco graus longe de mim. E sua voz é solene quando ele diz: — Eles estão esperando por nós na sala ao lado.

— Eu aceito suas desculpas. — eu digo.

Warner olha para mim. Olha para longe.

Castle e eu o seguimos para fora do quarto.

Ok, talvez eu tenha perdido alguma coisa, mas essas novas filhos não parecem tão assustadores. Há um grupo de gêmeos—um menino e uma menina—que falam um com o outro muito rapidamente em espanhol, e um cara negro alto com um sotaque britânico. Haider, Nazeera e Lena estão conspicuamente ausentes, mas todo mundo está sendo educado e fingindo

não notar. Eles são todos muito legais, na verdade. Especialmente Stephan, o filho do comandante supremo da África. Ele parece legal. Estou recebendo menos vibrações de serial killers dele do que dos outros filhos. Mas ele está usando uma pulseira na mão esquerda, algo de prata com grossas pedras vermelhas pesadas que parecem rubis, e eu não consigo parar de sentir como se tivesse visto algo parecido antes. Eu continuo olhando, tentando descobrir por que parecer familiar, quando, de repente— Juliette aparece.

Pelo menos, acho que é Juliette.

Ela parece uma pessoa diferente.

Ela entra na sala vestindo uma roupa que eu nunca a vi, preta da cabeça aos pés, e ela está linda—linda, como sempre—mas diferente. Ela parece mais dura. Mais irritada. Eu não achava que gostaria do cabelo curto nela—na noite passada foi um trabalho mal feito—mas ela deve ter arrumado esta manhã. O corte é uma colheita uniforme por toda parte. Um corte de zumbido simples e elegante.

Ela faz funcionar.

— Bom dia. — ela diz, e sua voz é tão vazia que, por um momento, estou atordoado. Ela consegue fazer essas duas palavras parecerem *más*, e é tão diferente dela que me assusta.

— Merda, princesa. — eu digo suavemente. — É realmente você?

Ela olha para mim por apenas um segundo, mas parece mais que ela olha através de mim, e algo sobre a expressão fria e venenosa em seus olhos quebra meu coração como nada mais.

Eu não sei o que aconteceu com minha amiga.

E então, como se essa merda não pudesse ficar mais dramática, Lena atravessa a porta como uma debutante em pânico. Ela provavelmente estava esperando nas asas pela hora certa para fazer sua entrada. Para jogar Juliette fora do jogo dela.

Não funciona.

Eu assisto, como se através da água, quando Juliette encontra Lena pela primeira vez. Juliette é dura e superior, e tenho orgulho dela por ser forte, mas não posso reconhecê-la no momento.

J não é assim.

Ela não é fria assim.

Eu a vi ficar com raiva—inferno, eu a vi perder a cabeça—mas ela nunca foi cruel. Ela não é *má*. E não é que eu acho que Lena merece melhor, porque eu não acho. Eu não dou a mínima para Lena. Mas isso—essa exibição—é

tão fora do personagem para Juliette que deve significar que ela está sofrendo mais do que eu pensava. Mais do que eu poderia imaginar. Como se a dor a desfigurou.

Eu saberia. Eu *conheço* ela.

Warner poderia me matar se soubesse que me sinto assim, mas a verdade é que eu conheço Juliette melhor do que ninguém. Melhor que ele.

A matemática é simples: J e eu somos mais próximos, por mais tempo.

Ela e eu passamos por mais coisas juntos. Nós tivemos mais tempo para conversar sobre coisas reais juntos. Ela é minha melhor amiga.

Castle também esteve lá para mim, mas ele é como um pai para mim e eu não posso falar com ele ou com qualquer outra pessoa como eu faço com Juliette. Ela é diferente. Ela me pega. Eu dou a ela muita porcaria por ser emocional o tempo todo, mas eu amo o quão empática ela é. Eu amo como ela sente as coisas tão profundamente que às vezes até a alegria consegue machucá-la. É quem ela é. Ela é toda coração.

E isso—essa versão dela que estou vendo agora?

Isso é besteira.

Eu não posso aceitar porque sei que não é real. Porque eu sei que isso significa que algo está errado.

De repente, uma onda de vozes iradas invade meu devaneio.

Eu olho para cima a tempo de perceber que Lena disse algo desagradável. Valentina, uma das gêmeas, vira-a e eu me forço a prestar mais atenção quando ela diz—

— Eu deveria cortar suas orelhas quando tive a chance.

Minhas sobrancelhas levantam minha testa.

Eu dou um passo à frente, confuso, e dou uma olhada ao redor da sala em busca de uma pista, mas uma tensão estranha e desconfortável reduziu todo mundo ao silêncio.

— Uh, me desculpe. — eu digo, limpando a garganta. — Estou esquecendo de algo?

Mais silêncio.

É Lena que finalmente nos oferece uma explicação, mas eu já sei que é melhor do que confiar nela quando ela diz: — Valentina gosta de fingir.

Nicolás, o outro gêmeo, volta a ela em um instante, furiosamente atirando de volta em espanhol. Valentina dá um tapinha no ombro do irmão.

— Não. — ela diz. — Quer saber? Está bem. Deixe ela falar.

Lena acha que eu gosto de fingir. — ela diz uma palavra em espanhol. —

Não vou fingir. — mais palavras em espanhol.

A boca de Stephan se abre no que parece ser um choque, mas Lena apenas revira os olhos, então não tenho ideia do que aconteceu.

Eu franzo a testa. É uma conversa frustrante a seguir.

Mas quando olho para Juliette, percebo, com bem-vindo alívio, que não sou o único a sentir-me assim; J não entende do que eles estão falando. Nem Castle. E assim como eu acho que Warner deve estar confuso também, ele começa a falar com Valentina em espanhol fluente.

De repente minha cabeça está girando.

— Porra, cara. — eu digo. — Você fala espanhol também, hein?

Eu vou ter que me acostumar com isso.

— Todos falamos muitas línguas. — diz Nicolás para mim. Ele ainda parece um pouco irritado, mas agradeço a explicação. — Temos que ser capazes de comuni—

Juliette o interrompe com raiva. — Ouça, pessoal, eu não me importo com seus dramas pessoais. Eu tenho uma enorme dor de cabeça e um milhão de coisas para fazer hoje, e gostaria de começar.

Ha.

Claro. Juliette está de ressaca.

Aposto que ela nunca teve ressaca. E se isso não fosse uma situação de vida ou morte, eu acharia meio engraçado.

Nicolás diz algo suavemente em resposta a ela e depois abaixa a cabeça num mini arco.

Eu cruzo meus braços. Eu não confio nele.

— O quê? — Juliette olha para ele, confusa. — Eu não sei o que isso significa.

Nicolás sorri para ela. Ele diz outra coisa em espanhol—e agora é óbvio que ele está zoando com ela—e quase chuto a merda na cara.

Warner chega a ele antes que eu faça. Ele diz algo para Nicolás, outra coisa que eu não entendo, mas de alguma forma isso deixa Juliette mais furiosa.

Que manhã estranha.

Eu ouço Nicolás dizer: —Temos o prazer de conhecê-la. — em inglês, e estou oficialmente tão confuso que acho que deveria me ver.

Juliette diz: — Suponho que todos vocês assistirão ao simpósio hoje?

Outra babaquice de Nicolás. Mais palavras em espanhol.

— Isso é um sim. — Warner traduz.

Isso parece irritá-la. Ela gira, vira-se para ele. — Que outras línguas você fala? — Ela diz, seus olhos brilhando, e Warner vai tão repentinamente que meu coração dói por ele.

Este momento é muito real.

Warner e Juliette estão tão cheios de merda hoje. Eles estão fingindo ser tão duros, tão legais e calmos, e então— *isso*. Juliette diz uma coisa para ele e Warner se torna um idiota. Ele está olhando para ela, muito burro para falar, e ela está corada, parecendo toda quente e incomodada só porque ele está olhando para ela.

Jesus.

Eu me pergunto se Warner tem alguma ideia de como ele está agora, encarando Juliette como se todas as palavras tivessem sido tiradas de sua cabeça, e então, com um sobressalto, me pergunto se era assim que eu estava falando com Nazeera .

Um arrepio involuntário percorre-me.

Finalmente, Stephan coloca Warner fora de sua miséria. Ele limpa a garganta e diz: — Aprendemos muitas línguas desde muito cedo. Era fundamental que os comandantes e suas famílias soubessem se comunicar uns com os outros.

Juliette olha para baixo, se recolhe. Quando ela se vira para Stephan, seu rosto perdeu a maior parte do seu rubor, mas ela ainda parece um pouco vermelha.

— Eu pensei que o restabelecimento queria se livrar de todas as línguas. — diz Juliette. — Eu pensei que vocês estavam trabalhando em direção a uma única linguagem universal—

— *Sí*, Madame Suprema. — diz Valentina. (Eu conheço a palavra *sí*. Isso significa sim. Eu não sou um completo idiota.) — Isso é verdade— diz ela. — Mas primeiro tínhamos que falar um com o outro, não?

E depois—

Eu não sei porque, mas algo sobre a resposta de Valentina quebra algo aberto em Juliette. Ela parece quase como ela mesma novamente. O rosto dela perde a tensão. Seus olhos estão arregalados—quase tristes.

— De onde você é? — ela diz calmamente, e sua voz é tão desprotegida que me dá esperança—espero que a J real ainda esteja lá, em algum lugar. — Antes de o mundo ser remapeado. — ela diz.— Quais eram os nomes dos seus países?

— Nascemos na Argentina. — dizem os gêmeos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Shadow Me"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).